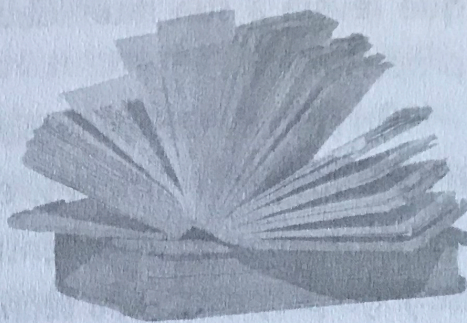


Livros com livros, leitores e leituras: o exercício metaliterário na Literatura para a Infância



Sara Reis da Silva
Universidade do Minho

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro

Palavras-chave: literatura para a infância, livro, leitor, promoção da leitura, metaliteratura.

Keywords: Children's literature, book, reader, reading promotion, metaliterature.

Muitos textos de potencial recepção infantil são construídos a partir da ficcionalização de tópicos como a leitura e os leitores, observando-se frequentemente a presença de personagens infantis que descobrem o universo dos livros. Diversos contos e textos poéticos centram-se, por vezes, em outros livros e na Literatura ou até na experiência estética a esta inerente. Mesmo as recriações, adaptações e versões de textos clássicos, uma das vertentes mais sólidas da literatura de destinatário explícito infantil, acabam por corresponder, em larga medida, a um processo de construção alicerçado a partir do livro dentro do livro.

Este tema, às vezes próximo da estratégia *mise en abîme*, configura um processo de autonomia que, nas poéticas contemporâneas, em particular as pós-modernas, encontra um tratamento recorrente, aproximando-se da auto-referencialidade e propondo a reflexão (por vezes, o questionamento) sobre a própria actividade de leitura e de escrita que lhe está inerente. O recurso à *mise en abîme* enquanto efeito de reflexão e de espelhamento do livro/texto dentro do texto acontece, no âmbito da literatura para a infância, tanto ao nível do texto como das próprias ilustrações que, de forma muito clara, permitem a visualização (e a concretização) deste tipo de sugestões.

No âmbito da literatura canónica, o tratamento do tema do livro e da leitura responde, com frequência, a um exercício de desvelamento da actividade do escritor que revela a sua intimidade, trazendo para primeiro plano o ofício da escrita e a própria oficina.

No caso da literatura para a infância, é importante constatar que ela não se revela imune aos procedimentos e às estratégias da sua irmã «maior», ainda que os objectivos do recurso ao livro dentro do livro possam ter outros significados e alcances além do jogo proposto pela técnica do encaixe, da paródia ou da *mise en abîme*. Assim, é importante compreender como a funcionalidade pedagógica – e até exemplar – destes textos se mantém, promovendo, pelo tratamento deste tema, determinadas práticas e comportamentos. A referência a crianças leitoras e a representação da leitura como actividade agradável e positiva funcionam claramente como estratégias que visam fomentar determinadas atitudes a partir da identificação dos leitores com os universos recriados e com os seus protagonistas. Obras como *Leónia devora os livros* (1992), de Laurence Herbert e Frédéric du Bus, *O menino que não gostava de ler* (2001), de Susanna Tamaro ou, mais recentemente, *A menina que detestava livros* (2005), de Manjusha Pawagi e Leanne Franson dão conta, para diferentes faixas etárias, do nascimento e desenvolvimento do gosto pelos livros. Trata-se, de alguma forma, mesmo através das ilustrações que os representam cada vez com mais assiduidade, não raras vezes com intenções próximas da intertextualidade, da naturalização do livro e da leitura que surgem como elementos próximos do leitor, dos seus hábitos e das suas rotinas.

Além disso, e em níveis diferentes, a literatura para a infância contemporânea revela-se particularmente sensível ao jogo intertextual e interdiscursivo, propondo leituras em diálogo de diferentes livros, autores e personagens. Assiste-se, pois, à revisitação dos textos da tradição, em particular dos contos de fadas, a partir de novas perspectivas e focalizações, numa subversão e desconstrução muito próximas das levadas a cabo na narrativa pós-moderna. Neste âmbito muito específico, veja-se, por exemplo, a publicação recente de *A Bela Desaparecida* (2007), de Rita Basílio. Vencedor do Prémio Literário da Cidade da Figueira da Foz, este texto é uma espécie de revisitação paródica, com implícitas intenções didácticas, da herança literária tradicional, recuperando algumas das suas personagens e os universos mais emblemáticos e/ou mais próximos do imaginário infantil. Assumindo-se, também, como uma narrativa de mistério, e estabelecendo relações de intertextualidade com um universo de textos facilmente identificados pelos leitores preferenciais, cujos «ingredientes» são misturados, *A Bela Desaparecida*, como se percebe desde o título, promove o humor e a reinvenção da tradição, valorizando o papel dos livros e das primeiras leituras.

As ilustrações de Fátima Afonso, num registo que lhe é habitual, retomam e recriam muitos elementos dos textos tradicionais que surgem aqui confundidos e em contextos diferentes que acentuam a vertente humorística do livro.

Em outros casos, personagens de livros e até os seus autores vêem-se subitamente reescritos a partir de pontos de vista originais, como acontece, por exemplo, com Anne Frank ou Saint Exupéry nos textos *Mouschi*, *o Gato de Anne Frank* e *António e o Príncipezinho*, de José Jorge Letria.

Em diversas narrativas, a presença do livro é também sinónimo de uma forte ligação afectiva por parte do protagonista. É o que se verifica, por exemplo, em «Sábios como Camelos», conto incluído em *Estranhões & Bizarros [Estórias para adomecer anjos]*, de José Eduardo Agualusa¹. Trata-se de uma narrativa onde se procede à colocação no espaço ficcional de alguns dos padrões literários e culturais típicos das narrativas árabes, pautando a sua reinvenção, por exemplo, pelo exotismo e pelo recurso a figuras comuns nesse universo (o grão-vizir, os camelos...). Neste texto, concede-se especial atenção a uns camelos que desempenham o papel de autênticas «bibliotecas sobre patas» (Agualusa, 2001: 14), já que transportavam, organizadamente, muitos volumes pertencentes a um Grão-Vizir, um amante de livros e de histórias que nunca se separava da sua biblioteca. Estes animais acabaram por se tornar sábios e falantes, porque, para sobreviverem a uma tempestade e a uma longa estadia no deserto, se alimentaram dos livros do seu dono. Neste caso, aos livros é atribuído o poder máximo de possibilitarem o conhecimento da «ciência da fala» (Agualusa, 2001: 17). A partir da metáfora da deglutição, com profundas raízes na civilização ocidental, sugere-se a importância dos livros em relação à sobrevivência quer física quer emocional, ao mesmo tempo que se dá conta da relação próxima entre o leitor e o escritor/contador de histórias, no qual o primeiro, em resultado da digestão de muitas leituras, se pode transformar.

Também em *Queridos Livros*, álbum escrito e ilustrado por Ana Faria, o universo afectivo é dominante. Narrada na primeira pessoa, esta é uma história em que o amor aos livros e o gosto pela leitura são os motivos dominantes. Pautado por uma cativante simplicidade lexical e sintáctica, o conto centra-se nas vivências de uma menina em idade escolar que descobre a alegria da leitura e se deixa seduzir pelos universos recriados nos livros. Na estruturação desta narrativa, é também fundamental o encaixe de uma situação onírica, um sonho povoado de coisas extraordinárias

¹ O gosto pela leitura e pelos livros funciona também como *leitmotiv* em «Catálogo de Sombra», de José Eduardo Agualusa, um conto publicado, pela primeira vez, na revista *Tabacaria* (nº 11 - Primavera de 2003) e integra a colectânea *Histórias para Ler à Sombra* (2003, Lisboa: Publicações Dom Quixote).

e de personagens que existem nos livros. Cruzam-se, assim, pedaços e figuras de outros textos, alguns deles clássicos, como as de H. C. Andersen, ouvindo-se as suas vozes, por vezes, pontuadas pelo humor, como acontece com a da Princesa Autêntica do conto *A Princesa e a Ervilha*, que se queixa de vertigens por dormir em cima de vinte colchões de vinte edredões. A componente pictórica, muito extensa e prevalente, recria os momentos mais importantes da acção, introduzindo alguns elementos humorísticos. A frequente representação icónica da protagonista, quase sempre acompanhada de livros, que começa, desde logo, na guarda inicial da obra e que parece dirigir o olhar para o receptor, parece reclamar a atenção do leitor.

Em obras como *Os Livros dos Outros*, de Vergílio Alberto Vieira, *O livro que queria ser lido*, de José Jorge Letria, *Os livros que gostam de contar histórias*, de Fátima Éffe e Zé-Luís ou *História do Livro Activo*, de Conceição Areias é também o próprio título que coloca em primeiro plano o objecto livro.

A obra *Os Livros dos Outros*, de Vergílio Alberto Vieira, defende o regresso ou o encontro com um conjunto alargado de textos variados, de tempos e épocas diferentes e de uma pluralidade de autores. Reúnem-se aqui cerca de 40 poemas breves (compostos por duas quadras) e o código de leitura proposto tem como ponto de partida a intertextualidade e/ou o conhecimento dos «textos de outros» aqui evocados, mas prevê como ponto de chegada a aceitação de uma originalidade e de uma criatividade que possuem, muitas vezes, como base fundamental o humor. A ironia, o absurdo, a subversão, os trocadilhos e o *nonsense* são significativos do ponto de vista da promoção do riso e do apelo ao leitor. Como refere em nota de fim, o próprio autor, «Este livro presta contas a títulos de: Perrault, Stevenson, Swift, Jules Verne, Dumas, Collodi, Carroll, Eric Carle, Luísa Ducla Soares, Luísa Dacosta, Saint-Exupéry, Aquilino Ribeiro, Cecília Meireles, Manuel António Pina, António Torrado, Álvaro Magalhães, Alice Gomes, Violeta Figueiredo, Madalena Gomes, Gianni Rodari, Papi-niano Carlos, Matilde Rosa Araújo, José Vaz, Margarida Fonseca Santos, Ilse Losa, Maria Alberta Menéres, Sophia de Mello Breyner Andresen, João Paulo Seara Cardoso». Daí que os textos deste livro ofereçam a possibilidade do leitor celebrar um (re)encontro especial com obras clássicas quer da literatura universal como *A Ilha do Tesouro* ou *As Aventuras de Pinóquio*, por exemplo, quer da literatura portuguesa, como *O Romance da Raposa* ou *O Rapaz de Bronze*. Outros textos contemporâneos preferencialmente destinados aos mais novos, como *O Inventão* e *Os Piratas*, ambos de Manuel António Pina, *Fala Bicho*, de Violeta Figueiredo, ou *O Meio Galo*, de Luísa Ducla Soares, motivaram, de igual forma, o poeta e convidam o receptor a participar num animado diálogo hetero-autoral. As menções mais ou menos subtis a outros textos do universo

infanto-juvenil representam, pois, um desafio ao leitor para que reconheça os textos aludidos ou parodiados.

O livro que queria ser lido (2006), de José Jorge Letria, revisita igualmente este universo, associando a leitura à cumplicidade e ao companheirismo que podem ser estabelecidos com objectos inanimados mas, mesmo assim, dotados de vida própria. Protagonizada por um livro que, depois de ser companheiro fiel de um leitor, fica esquecido, como objecto sem interesse, numa estante quase inacessível da casa, a intriga personifica os livros e apresenta-os como amigos insubstituíveis na vida dos homens, capazes de guardarem os maiores segredos e surpresas e, até, chaves de grandes tesouros. O livro é, pois, de acordo com a visão do autor, porta privilegiada para o conhecimento, além de amigo intemporal sobre o qual não pesa o tempo. Por seu turno, *O Canteiro dos Livros* (2006) é uma narrativa sobre a importância dos livros na construção de um projecto individual de leitura e na própria formação da personalidade. Nela cruza-se uma componente maravilhosa com outra mais realista. Encarados como verdadeiros tesouros que interessa preservar e manter próximos e vivos, os livros surgem como seres com uma identidade própria, capazes de influenciar a forma de os homens entenderem o mundo e os outros. As ilustrações de Carla Nazareth recuperam algumas das sequências centrais da intriga, valorizando a dimensão metafórica e fantástica da narrativa, sobretudo na associação dos livros às flores. Do mesmo autor, destaque-se também a publicação recente de *O livro que falava com o vento e outros contos* (2006). Colectânea de sete pequenos contos unidos pela temática relacionada com os livros e as leituras, o saber e o conhecimento e as bibliotecas e os escritores, os textos reunidos em *O livro que falava com o vento e outros contos* fazem, sem recurso a moralismos, o elogio da leitura como actividade que completa e dignifica o homem e, de alguma forma, dá sentido à sua vida. Destaque-se, em particular, o conto «A arca do menino que inventava poetas», onde é revisitada a vida e a obra de Fernando Pessoa, em particular a questão da heteronímia, ou o conto «O rato de Alexandria» que recria o tema da biblioteca de Alexandria, símbolo máximo do saber e do conhecimento humanos. As ilustrações de Alain Corbel, a preto e branco, recriam, com particular cor local e expressividade, muitas vezes com recurso à metáfora, os universos diegéticos – mais realistas ou mais fantasiosos – representados textualmente.

Num género ligeiramente diferente, em *Ler doce Ler* (2004), José Jorge Letria dá conta da forma apaixonada como vê os livros e as inúmeras leituras que eles proporcionam. Verdadeiro elogio aos livros e à leitura, este texto de José Jorge Letria parece funcionar como homenagem do autor a um dos seus grandes prazeres. Através do texto poético e das suas principais características (rima, ritmo, paralelismos, jogos de sonoridades) é recuperada uma história pessoal dos livros e da leitura, dando

conta dos elementos que os integram, das personagens que os habitam, dos cheiros e da magia que os percorrem, assim também como daquilo que eles proporcionam a quem se deixar seduzir. As ilustrações de Rui Castro, fiéis ao estilo e linguagem do autor, captam os principais elementos simbólicos associados ao livro, recriando os mundos possíveis que cada livro pode construir e sugerir.

No âmbito do texto poético, que não cabe já nos exíguos limites desta análise, são muitas as composições que tratam este tema, sublinhando, sobretudo, a dimensão onírica e lúdica da leitura e exaltando o prazer de ler.

Especialmente vocacionado para pequenos leitores, o álbum narrativo *O Meu Livro* (2006), de Pedro Reinho e ilustrações de Raquel Pinheiro, apresenta-se como um elogio à leitura enquanto actividade e ao livro enquanto objecto ligado à magia. O livro surge como passaporte para um mundo conotado positivamente, associado ao universo maravilhoso recriado nas histórias. Apresentado quase como mais um membro da família, o livro surge personificado e equiparado a um amigo. As ilustrações de Raquel Pinheiro acentuam, através do uso de cores fortes e bem delimitadas e das formas arredondadas, a afectividade que rodeia Pedro e o seu livro, desenvolvendo e alargando as pistas sugeridas por um texto muito breve e simples. A mancha gráfica, variada e a acompanhar, do ponto de vista da cor, do tamanho e da forma, as ilustrações, recria os ambientes da leitura e do imaginário que ela convoca, permitindo construir uma espécie de metadiscorso, uma vez que o tema do livro é ele próprio.

Também nas cinco narrativas breves que compõem *Os Livros que Gostam de Contar Histórias* (2005), de Fátima Éffe e Zé-Luís, os livros, personificados e com «formas» diversas (livro em branco, livro de bolso, livro de colecção, livro sabichão, entre outros), surgem como protagonistas. Num registo marcadamente coloquial e entusiasmado, que, não raras vezes, convida à escrita e ao voo imaginativo, as histórias vão crescendo em torno das aventuras desses «livros que não são apenas livros». Os animados diálogos e as peripécias em que estes se envolvem prendem, com facilidade, a atenção do receptor. O encontro com letras que se manifestam por uma nova escrita, as sugestões para uma pequena «cirurgia plástica» a um livro-de-autor ou um livro de bolso que procura um amigo são alguns dos momentos vividos pelos muitos livros que vivem dentro deste Livro.

Como faz prever o título, *História do Livro Activo* (2005), de Conceição Areias e Catarina Cardoso, possui também como herói um livro, elemento visualmente reiterado ao longo da obra. Nele conta-se, em quadras rimadas e num discurso marcado pela simplicidade e por um dinamismo evidentes, a viagem de um livro aventureiro desde a prateleira de uma estante até às mãos de um grupo de crianças. A esta obra não se encontra alheia uma vertente pedagógica, materializada nas referências posi-

tivas/eufóricas ao livro enquanto fonte de saber e de divertimento ou como passaporte para o imaginário.

É também uma aventura de um rapaz que aprendeu a «voar» nas asas dos livros que encontramos no último livro de Alexandre Honrado. Em *O Rapaz que Aprendeu a Voar* (2007), a importância do livro é sugerida pela inovadora componente pictórica. As ilustrações de José Miguel Ribeiro representam, desde a capa, de forma insistente o objecto-livro, desenhado com rosto e corpo e, portanto, dotado de vida própria. Neste texto, escrito numa envolvente prosa poética, o convite à viagem imaginativa, à leitura, à aprendizagem frutiva a partir dos livros são aspectos fundamentais, sendo, neste contexto, muito relevante a metáfora do voo.

Nos textos que Manuel António Pina tem dedicado ao leitor infante-juvenil², é frequente a presença de elementos relacionados com a leitura e com a escrita e, até, do ponto de vista intertextual, com alusões a outros livros. Logo no seu livro de estreia para os mais novos, *O País das Pessoas de Pernas para o Ar* (1973), colectânea, aliás, recentemente reeditada, as sugestões intertextuais são múltiplas e vão desde a evocação de um famoso verso do poeta finissecular António Nobre, até à presença de personagens cujos nomes têm fortes ressonâncias literárias como Alberto Caeiro e Fausto. O fascínio pela escrita e pela leitura surge também tematizado no segundo conto desta obra, «A vida de um peixe vermelho». Neste conto, a acção desenvolve-se em torno da suposta escrita de um livro por esta figura, uma «aventura» acompanhada com curiosidade pela personagem humana que com ele interage, a sua amiga Sara. O texto finaliza com a referência a uma flor denominada Alice Lidell, referência que remete de forma explícita para Lewis Carroll e *Alice no País das Maravilhas*. Acrescente-se, ainda, a construção paródica, a partir do hipotexto bíblico, de duas narrativas incluídas nesta obra – «O Menino Jesus não quer ser Deus» e «O Bolo e o Menino Jesus» –, bem como a participação de um peixe personificado chamado Noé.

Refira-se também a centralidade de tópicos como a leitura e a sua descoberta/aprendizagem em alguns poemas de *O Pássaro da Cabeça* (1983), designadamente em «Era uma vez», texto em que se contrapõem as experiências distintas de leitura de duas figuras infantis, e «Sopa de Letras», poema no qual se joga com o real e o imaginado a partir das letras de massa da sopa e das letras do alfabeto.

Já em *Histórias que me contaste tu* (1999), o autor recupera uma das figuras centrais de uma outra obra da sua autoria, o livro *Gigões & Anantes* (1974). Trata-se do Escaravelho, contador de histórias, que, na última obra citada, se chama Bocage.

² Não apenas nestes. Basta pensar, por exemplo, no último livro de poesia para adultos deste autor, obra que, certamente não por acaso, se intitula *Os Livros* (2003, Lisboa: Assírio & Alvim).

Em *Histórias que me Contaste Tu*, verifica-se um jogo de enunciação narrativa que se inscreve nos modelos da metaficção ou da «self-conscious fiction, which draws attention to its fictiveness» (Hunt, 2005: 207). Evidenciando uma configuração que, em certa medida, toca o experimentalismo e alguns dos modelos literários do pós-modernismo, este livro subverte algumas das convenções ou dos arquétipos da expressão literária dirigida aos mais novos. Assim, o que importa neste conjunto de histórias, formuladas sob o signo da paródia por um excêntrico contador de histórias que hesita, interrompe o relato, sublinha o seu carácter provisório e inacabado ou até decide principiá-lo a partir do fim, é o ostensivo carácter lúdico, não só a partir da palavra, mas essencialmente a partir de alguns dos paradigmas ou dos códigos da construção narrativa tradicional.

Em *A História do Capuchinho Vermelho Contada a Crianças e Nem Por Isso* (2005), Manuel António Pina cria, desde o título, a expectativa do reencontro com o texto canónico imortalizado por C. Perrault (1697) e, mais tarde, pelos irmãos Grimm (1812), um dos contos mais divulgados e estudados de sempre, substantivando uma explícita evocação metaliterária e sugerindo um processo reelaborativo, em que a diferença do ponto de vista da recepção emerge enquanto ponto fulcral. Esta narrativa recriada parece comprovar, portanto, a noção de que «la intertextualidad en el pos-modernismo no está usada como un procedimiento más, sino que está llevada a un primer plano, está exhibida, tematizada y teorizada como un principio constitucional central» (Borda Crespo, 2002: 109).

A análise que efectuámos neste breve ensaio prova, assim, que, por motivos diversos, os livros dialogam sempre com outros livros. A literatura infantil é, com frequência, auto-referente e intertextual, recorrendo a temas e a estratégias narrativas que não são exclusivos da produção literária destinada aos mais novos. Cruzando várias fronteiras, a literatura de potencial recepção infantil reflecte tendências actuais da ficção contemporânea, assumindo-se como lugar de questionamento, de reflexão metaliterária e de jogo. O tema do livro e da leitura permite, ainda, a manutenção de uma certa intencionalidade pedagógica que ela não enjeita na totalidade, favorecendo comportamentos leitores e, em última instância, promovendo precocemente o desenvolvimento de competências literárias fundamentais.

Bibliografia

Obras/textos analisados

- AGUALUSA, José Eduardo (2001). *Estranhões & Bizarrocos [Estórias para adormecer anjos]*. Lisboa: Dom Quixote (ilustrações de Henrique Cayatte).
- AREIAS, Conceição (2005). *História do Livro Activo*. Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Catarina Cardoso).
- BASÍLIO, Rita (2007). *A Bela Desaparecida*. Porto: Porto Editora (ilustrações de Fátima Afonso).
- ÉFFE, Fátima e Zé-Luís (2005). *Os Livros que Gostam de Contar Histórias*. Coimbra: Pé de Página (ilustrações de Marc).
- FARIA, Ana (2007). *Queridos Livros*. Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Ana Faria).
- HERBERT, Laurence (1992). *Leónia devora livros*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Frédéric du Bus).
- HONRADO, Alexandre (2007). *O rapaz que aprendeu a voar*. Lisboa: Dom Quixote (ilustrações de José Miguel Ribeiro).
- LETRIA, José Jorge (2004). *Ler doce ler*. Lisboa: Terramar (ilustrações de Rui Castro).
- (2006). *O Canteiro dos Livros*. Lisboa: Texto Editores (ilustrações de Carla Nazareth).
- (2006). *O livro que falava com o vento e outros contos*. Lisboa: Texto Editores (ilustrações de Alain Corbel).
- (2006). *O livro que só queria ser lido*. Lisboa: Texto Editores (ilustrações de Daniel Silva).
- PAWAGI, Manjusha (2005). *A menina que detestava livros*. Lisboa: Terramar (ilustrações de Leanne Fran-son).
- PINA, Manuel António (1973). *O País das Pessoas de Pernas para o Ar*. Porto: A Regra do Jogo (ilustrações de João Botelho).
- (1999). *Histórias que me Contaste Tu*. Lisboa: Assírio & Alvim (ilustrações de João Botelho).
- (2005). *História do Capuchinho Vermelho Contada a Crianças e Nem por Isso*. Porto: Serralves (a partir de pinturas de Paula Règo).
- REISINHO, Pedro (2006). *O meu livro*. Gaia: Gailivro (ilustrações de Raquel Pinheiro).
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2006). *Os Livros dos Outros*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Cristina Robalo).

Passiva

- BORDA CRESPO, M^a Isabel (2002). «El lector modelo en la narrativa infantil metaficcional». In AGRELO COSTAS, M^a Eulalia et alii (coord.). *Narrativa e Promoción da Lectura no Mundo das Novas Tecnoloxías*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 105-117.
- DÍAZ ARMAS, Jesús (2002). «De libros e lectura en la literatura infantil y juvenil». In AGRELO COSTAS, M^a Eulalia et alii (coord.). *Narrativa e Promoción da Lectura no Mundo das Novas Tecnoloxías*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 141-154.
- DÍAZ ARMAS, Jesús (2003). «El libro dentro del libro: aspectos de la metaficción en la literatura infantil y juvenil». *Anuario de investigación en literatura infantil y juvenil* 1, 25-51.

- DÍAZ ARMAS, Jesús (2005). «Comelibros: especulaciones sobre la lectura». *Campo Abierto* 28, 27-37.
- HUNT, Peter (ed.) (2005). *Understanding Children's Literature*. 2ª ed. Routledge: Londres/Nova Iorque.

Resumo: Pretende-se, neste estudo, proceder à leitura de um conjunto de textos para a infância à luz da temática do livro e da leitura, detectando as representações mais assíduas e os objectivos desta reavaliação.

Abstract: The aim of this paper is to analyse a collection of children's literature texts from both the book and the reader perspective, thereby identifying the most consistent representations therein and the reasons underlying their use.